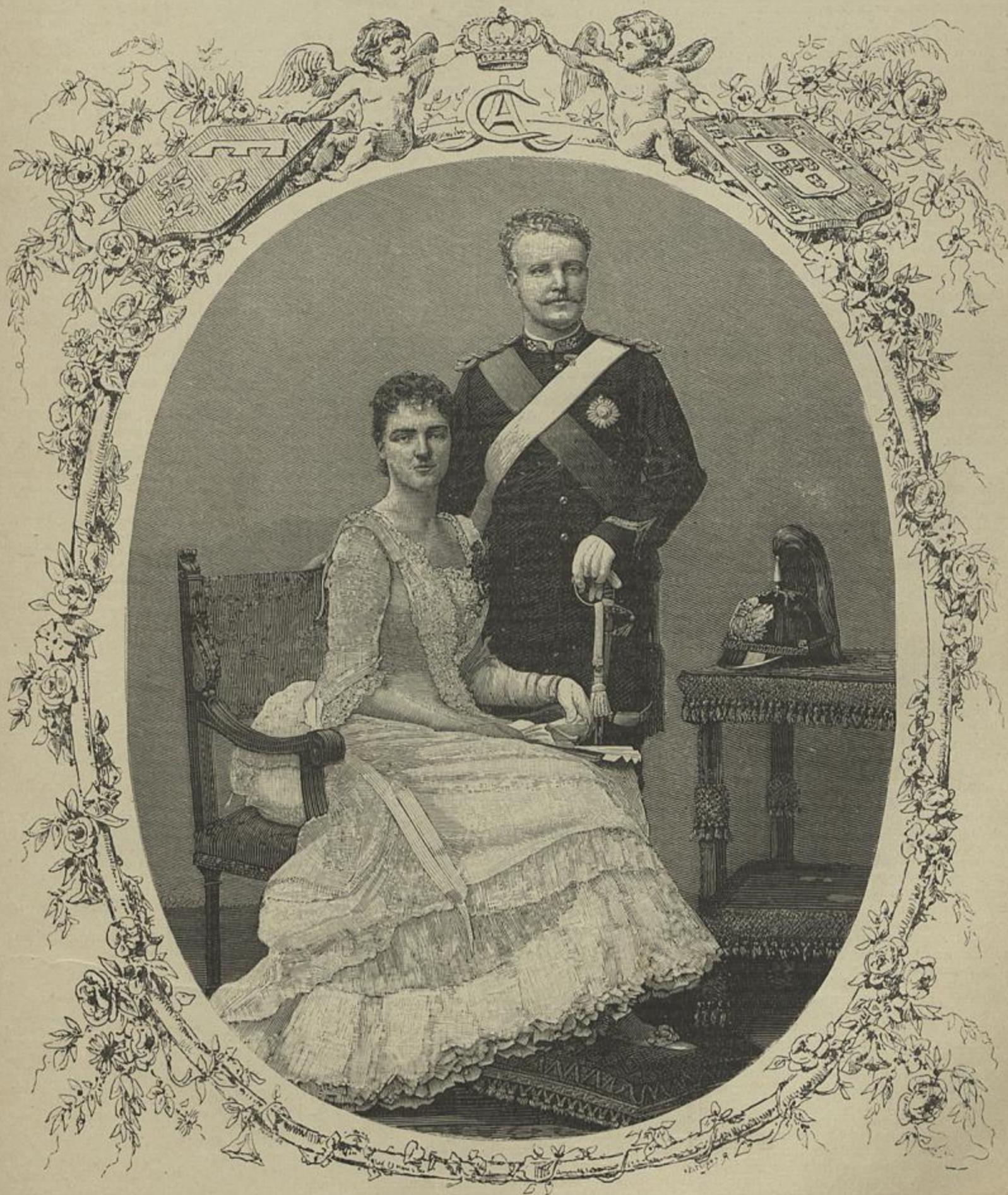
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

9.º ANNO | 21 DE MAIO DE 1886 | VOLUME IX — N.º 267

SS. AA. O PRINCIPE REAL D. CARLOS DE BRAGANÇA E PRINCEZA D. MARIA AMELIA DE ORLEANS
GRAVURA DE C. ALBERTO (Segundo uma photographia de Numa Blanc Fils)

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando atravesso agora as ruas da baixa, essas ruas onde a gente anda sempre tanto á vontade, quando passo pelo Chiado e pela rua do Ouro, quando desço a Avenida e corto o Rocio, fico admirado, e um pouco alheio, assim como quem de repente se encontra n'um paiz extranho.

E effectivamente Lisboa está sendo uma terra desconhecida para o lisboeta mais *pur-sang*, para aquelle mesmo que nasceu aqui e que d'aqui nunca arredou pé.

Não parece a mesma, a nossa boa cidade: paira sobre ella uma atmosphera excepcional de festa, e por toda a parte anda uma azafama ruidosa que não está nada nos nossos habitos.

Aqui erguem-se palanques, alli cavam-se lagos, além levantam-se mastros, acolá pregam-se luminarias, e tudo ao mesmo tempo, á mesma hora e a toda a hora, de dia e de noite, á luz do sol e á luz dos archotes, sem descançar, incessantemente, infatigavelmente.

Por toda a parte para onde a gente se volta, vê preparativos de festa e caras de forasteiros, e tudo quer divertir-se, com uma febre de festejos como se effectivamente Nostradamus tivesse razão e o mundo estivesse para acabar.

O casamento do principe D. Carlos com a princeza Amelia de Orleans, fez bulha em toda a Europa, fez sensação no mundo politico: em França os orleanistas que são muitos ainda, aproveitaram o casamento da filha do seu illustre chefe, para demonstrar a sua sympathia pela familia e pela causa: em toda a parte a união d'uma formosa e elegante senhora como a princeza Amelia, com um bello e excellente rapaz como o principe D. Carlos, o enlace d'esses dois principes que se amam, produziu bom effeito, foi recebido por todos com o sorrriso nos labios, com o interesse sympathico que despertam sempre os romances de amor.

E é por isso tambem que nas festas predomina um caracter alegre de expontaneidade e de convicção que não costuma muito ser o apanagio d'estas festas, carater que lhes dará maior brilho, mais distincta pompa.

Annunciam-se excepcionaes essas festas, veremos o que ellas são e contaremos: começam ámanhã e hoje, na vespera liquidemos as contas da chronica com os acontecimentos da semana, que não são muitas, e que se limitam ao mundo theatral.

O casamento do principe trouxe um supplemento de nove recitas á nossa epoca lyrica.

Dado o brilho extranho d'essa epocha, o supplemento era difficil e perigoso.

Effectivamente depois d'uma epocha que começou pelo Masini e acabou pela Patti, essas representações supplementares arriscavam-se muito a fazer fiasco.

Pois não fazem, e pelo contrario continuam brilhantemente a epocha brilhante de S. Carlos, o que é tanto mais glorioso para o emprezario de S. Carlos, que fosse qual fosse os espectaculos d'essas recitas, a enchente seria enorme e o lucro estava completamente garantido, porque a grande attracção, o *clou* d'essas recitas supplementares é a recita de gala.

Pois o sr. Campos Valdez que não é um emprezario vulgar, que administra o theatro de S. Carlos com o delicado amor d'um artista, que faz theatro mais por amor da arte que por amor dos lucros, arranjou as coisas de modo, que depois d'uma epocha lyrica excepcional, essas nove recitas supplementares são ainda um acontecimento artistico de primeira ordem.

Outro emprezario qualquer, tendo a boa fortuna de encontrar no seu caminho uma recita de gala como a que se vae dar em S. Carlos, em que para obter um logar no theatro, embora elle tivesse o triplo do tamanho, toda a gente daria o dinheiro que lhe pedissem, exigindo em troca apenas o ver a tribuna real com as princezas, os principes, os duques e as duquezas que ahi vem, outro emprezario qualquer arranjaria dois ou tres artistas quaesquer para cantarem n'essas noites, escudando-se mesmo com o merito excepcional dos artistas, que cá estiveram, para desculpar as mediocridades, que viessem.

Effectivamente, diria toda a gente, depois de nos ter dado o Masini, a Patti, a Devriés, a Scalchi, o Cotogni, que artistas havia d'ir agora buscar a empreza que se pudessem supportar, que conseguissem dar nas vistas?

O sr. Valdez respondeu brilhantemente a esta pergunta. E deixou estar em Lisboa a Borghi Mamo, e foi buscar outra vez a Scalchi, para cantar não só a *Semirames*, que fôra um dos grandes *successos* da epocha, mas tambem para cantar a Amneris da *Aida*, uma novidade completa para Lisboa, e como depois do Masini fosse difficil fazer com que o publico de Lisboa applaudisse um tenor, foi buscar exactamente, sem attender ás exhorbitancias do preço, o unico tenor que se póde applaudir ao lado de Masini — o tenor Tamagno, que n'um genero inteiramente opposto, tem no mundo lyrico moderno celebridade egual á do grande tenor que esta epocha Lisboa victoriou.

E veio o Tamagno, e o publico que se extasiára ante a voz dulcissima de Masini, ante a sua arte primorosa e unica, foi arrebatado pela voz potente de Tamagno, pela energia extranha do seu canto, pela pujança maravilhosa dos seus maravilhosos recursos vocaes.

Depois de nos ter feito ouvir o *Barbeiro* por Masini fez-nos ouvir o *Puliuto* por Tamagno, duas maravilhas, e ainda mais, depois de nos ter mostrado o que era a *Aida* cantada pelo Masini e pela Devriés, quiz mostrar-nos o que era a *Aida* cantada por outras duas celebridades gloriosas tambem, pela Scalchi e pelo Tamagno.

E aqui tem como as recitas supplementares de S. Carlos, em vez de serem apenas um negocio de emprezario, e de virem desmanchar a gloriosa tradicção da epocha lyrica de 1885 a 1886 em S. Carlos, vem pelo contrario continuar o brilho extranho d'essa epocha, fechar dignamente o cyclo glorioso de celebridades lyricas d'essa estação excepcional.

No theatro do Gymnasio a *troupe* de Paulus tem feito certo *successo* e alcançado muitos applausos.

Troupe ligeira, reportorio *ligeirissimo*, divertimento puramente de verão é no seu genero das melhores, muito melhor que a vergonhosa carroça-réclame, que ahi pelas ruas da cidade lhe tem feito um ridiculo reclame.

No Colyseu appareceu uma companhia hespanhola de canto e baile.

A companhia de canto é extremamente mediocre, a de baile tem umas dançarinas de valor, e apresenta uns bailados vistosos, que fazem bom effeito.

E nada mais teve de notavel a semana senão a chegada da noiva do principe real, o começar das festas.

E foi uma verdadeira festa essa chegada. Na vespera o principe D. Carlos partira ao encontro da sua gentil noiva. S. A. pernoitou na Pampilhosa e ahi esperou o comboio em que vinha a princesa Amelia d'Orleans, seu pae, mãe, irmã e irmão, a princesa de Joinville e todo o numeroso sequito que de Paris a acompanhava.

A entrevista dos noivos teve por espectadores milhares de pessoas que dos arredores da Pampilhosa tinham concorrido á estação a victoriar a futura rainha de Portugal.

Os principes e as suas comitivas almoçaram na estação do caminho de ferro, e seguiram depois no expresso para Lisboa, sendo em todas as estações saudados com enorme alegria e expansivo enthusiasmo.

As 5 horas e 20 minutos da tarde do dia 19, chegava o comboyo á *gare* do Caminho de Ferro, em Santa Apolonia, onde esperava a noiva de D. Carlos, toda a familia real, o sr. duque d'Aosta, a côrte, o ministerio, e uma multidão numerosa. A *gare* estava vistosamente enfeitada e a chegada do comboio foi d'um effeito magico.

A princeza Amelia d'Orleans appareceu ahi pela primeira vez aos olhos dos lisboetas e essa primeira impressão foi logo triumphante. A noiva do Principe Real conquistou immediatamente todas as sympathias, pela sua elegancia perfeitamente parisiense, pela sua belleza attrahente, pelos seus modos simples, graciosos e encantadores.

Sua alteza trajava com uma distincção suprema uma *toillette* elegante, d'azul e branco, as côres nacionaes.

Trocados ao apeiar do comboio abraços e palavras de boa vinda, feitas algumas apresentações officiaes, a familia real portugueza, os seus illustres hospedes e as respectivas comitivas, seguiram para o palacio das Necessidades — alojamento dos srs. condes de Paris — em landaus descobertos, caminhando vagarosamente por entre as alas do povo, para satisfazer assim a curiosidade justissima da enorme multidão que se apinhava nas ruas do transito.

O cortejo que era precedido por um piquete de cavallaria, compunha-se de doze carruagens, na penultima iam S. M. a Rainha, a princesa Amelia, o principe D. Carlos e o conde de Paris; na ultima a condessa de Paris, a princesa de Joinville, El-Rei D. Luiz e o duque de Aosta.

A noute houve jantar intimo de toda a familia real no paço das Necessidade, e na cidade houve illuminação em todos os edificios do estado e em alguns particulares.

E agora vão começar as festas, essas festas estrondosas, que attrahiram a Lisboa uma quantidade enorme de forasteiros como do nosso tempo não ha memoria.

Gervasio Lobato.

O Principe D. Carlos de Bragança e a Princesa Amelia d'Orleans

O Occidente quando publicou ha semanas o retrato da formosa filha mais velha do conde de Paris, e quando publicou ha annos o retrato do principe herdeiro de Portugal, acompanhou esses retratos das respectivas notas biographicas dos dois illustres principes: entretanto repetil-as-hemos aqui porque ellas são tão curtas, mercê da radiante mocidade d'essas duas gentis creanças que o amor hoje enlaça, que se cifram apenas em dizer quando ellas nasceram.

O principe D. Carlos de Bragança, filho primogenito de El-Rei D. Luiz I e da rainha D. Maria Pia de Saboya, nasceu em Lisboa no dia 28 de setembro de 1863.

D'ali a tres annos em igual dia nascia em Inglaterra onde o exilio levára seus paes, os condes de Paris, a princeza Amelia d'Orleans, que mais tarde o coração do herdeiro do throno de Portugal havia de escolher para sua gentil companheira.

Raras vezes um casamento de principes é tão sympathico a toda a gente, é tão auspicioso sob o ponto de vista da felicidade conjugal, como o d'essas duas formosas creanças que ámanhã se vão unir para sempre, impellidas uma para a outra pela voz do coração, essa voz que nem sempre é ouvida nas allianças reaes.

E é exactamente esta nota idyllica que dá um deslumbramento sympathico ás festas extraordinarias com que o paiz solemnisa essas bodas principescas, é essa nota idyllica que dá aos festejos nacionaes uma alegria tão expansiva e franca, um verdadeiro ar festivo e sincero, que não costuma ser o caracteristico das funcções officiaes, das galas que se decretam, dos regosijos publicos chancellados com «o ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar.»

As festas do casamento do principe D. Carlos são umas festas nacionaes, são mais do que isso, são umas festas de familia: ha em todos os rostos alegria, ha sympathia em todos os olhos que se fitam n'esse galante rapaz radiante de mocidade, n'essa gentil senhora, deslumbrante de formosura, que se dão alegremente as mãos, para atravessarem juntos a vida, com o coração a trasbordar de amor, com a alma a trasbordar de felicidade.

Os estadistas graves que pensem nas vantagens da alliança da casa de Bragança á casa de Orleans, que estudem o passado e prescruteem o futuro, que pezem na balança politica os interesses d'estado, e que venham depois alegres pela balança subir, deitar os seus foguetes officiaes: o paiz importa-se pouco com isso, o paiz atroa os ares com as suas festas, enche os echos com as suas acclamações, porque faz a gente feliz e alegre, ver a alegria e a felicidade de duas creanças que se amam, porque no fim de contas, digam o que quizer os pessimistas e os realistas, Schopenhauer e Zola, o amor foi, é e hade ser sempre em quanto no mundo houver mulheres e houver mocidade, a eterna canção triumphante!

Que a entoem sempre a plenos pulmões, essa formosa princesa noiva, esse gentil noivo-principe é o que o paiz lhes deseja, desfraldando na sua passagem as bandeiras festivas, atapetando-lhe com as virentes rosas do nosso perfumado maio peninsular a estrada radiante que elles hoje começam a caminhar juntos, e que se lhes abre amplissima, cheia de muitas promessas, que principiam a ser já realidades, ante os seus olhos deslumbrados de esposos amantissimos.

Assim seja.

D. JOÃO IV E O PADRE ANTONIO VIEIRA

A nova da restauração de Portugal fôra recebida no Brazil em principios do anno de 1641.

Era, n'esse tempo, vice-rei d'aquelle estado, D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão. A nossa colonia, com geral enthusiasmo, a que os proprios hollandezes se associaram — posto permittir duvidas a sinceridade do seu regosijo —, rendeu-se á obediencia de D. João IV, acclamado por legitimo rei dos portuguezes. Apressou-se, pois, D. Jorge em mandar a seu filho D. Fernando

Mascarenhas trazer, com essa noticia, as suas felicitações ao novo monarcha; e, no dia 27 de fevereiro de 1641, fez-se de véla para Portugal o mensageiro, que tinha sido, com seu pae, instrumento glorioso de sugeitar-se a Bahia, e todo o Brazil, á primeira voz da acclamação do nosso restaurador.

Com D. Fernando embarcou o padre Antonio Vieira, á instancia do marquez, a quem pareceu que podia aproveitar a D. João IV o peregrino engenho de Vieira, tão notorio já, e tão provado nas aulas da America, onde se tornou assombro de mestres e modelo dos condiscipulos.

Foi tormentosa a viagem. Depois de se desencadear sobre elles uma tempestade desfeita, no meio da qual se viram sossobrados por instantes, singraram á mercê da providencia, tendo alijado ás ondas quanto puderam, para alliviar o navio.

Avistaram alfim a costa de Portugal e tomaram terra em Peniche. Aqui, pela furia infrene do povo amotinado contra elles, estiveram em mais apertado risco, do que dias antes se viram pela fereza indomita do mar intumecido.

Explica-se.

Os irmãos de D. Fernando Mascarenhas haviam passado a Castella, sem elle o saber, e o povo, na mais precipitada arrogancia, avaliando tambem por traidores os novos hospedes, intentou matal-os. Ainda feriram na cabeça a D. Fernando; mas acudiu prestes o conde de Athouguia, governador da praça, e salvou-lhes a vida, obrigando a recuar e a desfazer-se a massa popular, que sobre dois corações fieis se arrojava como um pezo esmagador!

Chegado a Lisboa o padre Vieira, para logo começou de espalhar-se a fama de seus talentos. Não podendo já encobrir-se a luz brilhante do seu espirito privilegiado, sóbe ao pulpito, na capella real, e com tanta elegancia e novidade prégou, na presença de toda a côrte, que D. João IV o impediu de voltar para o Brazil. Ao passo que fôra conquistando pela sua eloquencia a merecida gloria de primeiro orador portuguez, elevava-se no conceito que D. João IV fazia do seu profundo juizo.

Não tardou divulgar-se o favor com que no paço o recebiam, e a privança com que o monarcha lhe communicava os mais arduos e occultos negocios da republica.

Contra esses triumphos sahiu a inveja, sempre sedenta de ennevoar o merecimento alheio, e levantou o rumor de que o padre Vieira intentava com o soberano introduzir novidades na Companhia de Jesus.

Impressionaram-se muito os animos com tão estranha noticia, e o nosso Vieira chegou a temer que a poderosa Companhia o demittisse de si.

Os injustos clamores dos jesuitas feriram tanto os ouvidos de D. João IV, que, sem detença, mandou offerecer uma mitra ao padre Antonio Vieira.

O que importava, n'esse momento, a D. João IV, que os jesuitas houvessem cooperado com a sua energia e perseverança peculiar na obra da restauração? A inteireza de animo e a illustração do chefe da dynastia bragantina nunca poderiam soffrer que os serviços prestados pela Companhia de Jesus prendessem a liberdade real.

Procedeu nobremente, heroicamente.

Ouçamos agora a resposta que deu o padre Antonio Vieira ao secretario de estado Pedro Vieira da Silva, depois bispo de Leiria:

«Que não tinha S. M. tantas mitras em toda a sua monarchia pelas quaes elle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus; e que se chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a Companhia o despedisse, da parte de fóra de suas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella, não para religioso, ao menos para servo dos que o eram. Que se nem para isso o quizessem admittir, alli estaria sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.»

Foi essa uma isempção digna do confidente de D. João IV. A ambos glorifica.

Pouco depois, por mandado de el-rei, passou o padre Vieira a França e Hollanda, para assistir ás negociações commettidas aos nossos embaixadores, e mórmente para o informar do estado d'ellas.

Corriam perigosos os tempos. A paz com a Hollanda e a liga com a França, eram dois problemas de uma solução difficil nas apertadas circumstancias em que se encontrava o reino renascido, a cuja conservação se oppunha mais de um estorvo que nos sobresaltava.

Acertadamente andou D. João IV, confiando ao padre Antonio Vieira o bastão de general n'essas luctas do entendimento. Foi uma das maiores provas que a historia pode registrar da capacidade politica do *Restaurador*.

Em 1657 chegou ao padre Antonio Vieira a noticia do fallecimento de D. João IV; e logo em carta a um ministro sómente disse, referindo-se ao infausto acontecimento, estas singelas palavras, que excedem todos os primores da eloquencia:

«Não fallo na morte de S. M., porque ella me tem emmudecido.»

É uma profunda narração, um elogio grandissimo este silencio!

Zephyrino Brandão.

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL JERONYMO DA SILVA MALDONADO

Mais um bravo do Mindello acaba de desapparecer no tumulo ao cabo de uma vida gloriosa, como tem sido em geral a de todos esses heroes que se sacrificaram pelas liberdades patrias, soffrendo as privações do exilio, expondo a vida nos campos de batalha, ou gemendo nos carceres do despotismo, onde muitos deixaram a vida.

Jeronymo da Silva Maldonado, que falleceu no dia 5 do corrente, foi um d'esses portuguezes devotados ás ideias liberaes e que ajudou com a sua espada a implantar no solo da patria a liberdade constitucional da carta.

Estava destinado a ser um defensor da patria, e logo nos primeiros annos, seu pae, o general de cavallaria, Antonio da Silva Maldonado d'Eça, o fez entrar no collegio militar onde cursou os primeiros tres annos, suspendendo ao fim d'esse tempo os estudos em consequencia da morte de seu pae o deixar falto de recursos para poder continuar.

Sentou, então, praça de voluntario no regimento de cavallaria 3, em 14 de outubro de 1817, sendo declarado cadete em 15 de dezembro do mesmo anno. No dia 1.º de janeiro do anno immediato era promovido a porta-estandarte, em 28 de março de 1820 a alferes, e a tenente para cavallaria 8 em 9 de julho de 1827, sendo em 15 de outubro transferido para cavallaria 10.

Em 1830 as suas ideias liberaes manifestadas no meio do regimen despotico que opprimia Portugal, fizeram-no seguir a sorte de tantos outros rapazes generosos, e imigrou para França.

Apresentou-se em Belle Isle em 4 de fevereiro de 1832, embarcou para a ilha de S. Jorge, onde chegou em 21 de março, e em 1 de abril já se achava na ilha Terceira, fazendo parte das forças constitucionaes como ajudante de campo do commandante da 2.ª brigada, e fazendo assim parte do exercito libertador desembarcava nas praias do Mindelo em 8 de julho. Foi já no Porto que recebeu a promoção de capitão graduado, contando a antiguidade de 6 de agosto, e foi promovido a effectividade em 25 de julho de 1833. Em 12 de março de 1834 reuniu ao regimento de cavallaria 10, condecorado já com o grau de cavalleiro da ordem de Torre e Espada pelos relevantes serviços que prestou á causa liberal, e transferido depois em 24 de julho para o regimento de cavallaria 3, fez parte da divisão auxiliar á Hespanha desde 14 de outubro de 1835 até 30 de novembro de 1836, sendo condecorado com as respectivas medalhas de prata pelos seus bons serviços. Em 12 de outubro de 1837 foi separado do quadro do exercito, em virtude da convenção de 20 de setembro, e jurando a constituição em 6 de maio de 1838, recebeu em 14 de agosto do anno immediato o grau de cavalleiro da ordem de S. Bento de Aviz e foi collocado no regimento de cavallaria 4 em 28 de janeiro de 1840, indo prestar serviço com o seu regimento na Serra do Algarve d'esde 20 de abril a 10 de julho do mesmo anno.

Na revolta do Saldanha em 1851, negou se a acompanhar o marechal apezar de lhe ser particularmente afeiçoado, e este facto não só lhe valeu os elogios de D. Maria II como do marechal, que reconheceu n'elle um militar fiel ao cumprimento dos seus deveres.

Exerceu o cargo de governador civil de Lisboa em 1861 a 1862, e o seu governo foi dos melhores que Lisboa tem tido, e tanto lhe foi reconhecido que, em virtude d'isso, foi agraciado com a carta de concelho e commenda da Conceição, alem de elogiado officialmente.

Já tinha sido governador civil de Coimbra, e foi d'alli que veio exercer egual cargo em Lisboa.

O seu governo em Coimbra, que durou entre os annos de 1854 a 1861, não foi menos importante que o de Lisboa.

Em 4 de agosto de 1863 foi nomeado commandante da 8.ª divisão militar, sendo exonerado no anno seguinte e elogiado na ordem do exercito. N'este mesmo anno foi promovido a general de brigada, e em 1872 a general de divisão.

Alem das mercês já referidas, o general Maldonado era par do reino, vogal do tribunal superior de guerra e marinha, grã-cruz de Aviz, commendador da Torre e Espada, de Isabel a Catholica, e tinha a medalha n.º 6 das campanhas da liberdade e a da divisão auxiliar de Hespanha.

Pelos factos que deixamos enumerados da vida do illustre general se vê claramente a importancia do brioso militar, e de quanto foi util á sua patria.

Os actos da sua vida particular revelam qualidades superiores, e não deslustram os actos da sua vida publica.

Foi grande a magua que a sua morte produziu no exercito e nos seus numerosos amigos.

PALACIO REAL DE VILLA VIÇOSA

Os paços de Villa Viçosa, meio abandonados no seio da pittoresca villa, e onde a familia real só vae habitar por occasião de alguma caçada na sua magnifica tapada, é dos palacios mais importantes da corôa real, porque é o berço da actual dynastia, e por isso um monumento historico de alto valor.

D. Jayme, bisneto do primeiro duque de Bragança D. Affonso, filho natural de D. João I, foi quem fundou o palacio de Villa Viçosa, quando restituido ao reino depois do desterro em Castella. Seu filho D. Theodosio I continuou as obras incetadas por seu pae e, mais tarde, no seculo XVI, D. Theodosio II, pae do Duque de Bragança D. João, depois rei D. João IV, o restaurador, augmentou o edificio com grande sumptuosidade e é essa reconstrucção a que ainda hoje existe.

Da sumptuosidade de outr'ora ha alli um reflexo nas suas magnificas salas a que tres seculos decorridos tem impresso todos os effeitos da velhice. Ainda assim tem muito que admirar a riqueza das suas pinturas, a vastidão da sua fabrica e a variedade de aposentos em que foram recebidos tantos principes illustres.

São muitos os factos historicos que se ligam aos paços de Villa Viçosa, e longe nos levaria enumeral-os, se fosse nosso intento escrever aqui a historia completa d'aquelle alcaçar.

Resumamos, pois, esta noticia ao espaço de que podemos dispôr, e citaremos o facto mais brilhante e mais significativo para a historia de Portugal, que alli occorreu e que prende intimamente com a nossa actual independencia.

Sendo o palacio de Villa Viçosa o sollar dos Duques de Bragança, foi alli que se concertou o plano da revolução que devia libertar Portugal do jugo de Castella.

Muitos dos heroes d'essa conspiração iam alli, furtivamente, combinar com o Duque de Bragança a melhor pratica dos seus patrioticos planos, e entre as isitações do duque, de natural timorato, receioso a cada instante dos espiões de Castella, que vigiavam sem cessar pela conservação do dominio castelhano, imaginando a cada momento transtornados ou descobertos os temerarios planos e com isso redobrado o rigor da oppressão e o sacrificio de novas victimas, se sustentava a maior luta pela liberdade da patria em que o coração cheio de amor pela independencia esteve por vezes a ser vencido pelo raciocinio que mostrava a grande temeridade do feito que se planeava.

O principal theatro d'essas contendas foi o palacio de Villa Viçosa, d'onde saíu D. João, Duque de Bragança, para não mais entrar, votando ao esquecimento aquelle sollar onde primeiro ouvira chamarem-lhe rei de Portugal.

Entre as muitas curiosidades que ha a observar n'este palacio não deve passar desappercebido o pequeno pavilhão que fica no angulo direito do jardim, fazendo esquina para a estrada e para a qual deita uma pequena varanda. Era a essa varanda que ora o duque ora D. Luiza de Gusmão vinha a occultas e a altas horas da noite saber noticias do que ia occorrendo, transmettidas por algum enviado de confiança. A nossa gravura mostra á esquerda o pavilhão a que nos referimos.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

VIII

O autoclysmo e o semi-autoclysmo do sr. Antonio Pinto Bastos — A hygiene das habitações — Oscillações do pendulo — Photographia electrica — O sentido do gosto — As esponjas e a sua acclimação em França — Possibilidade d'esta industria em Peniche — A pesca da lagosta — O falcão mergulhador e a fragata — Egoismo e escravidão nos animaes.

São muitos os inventos com que o intelligente e illustrado industrial o sr. Antonio Pinto Bastos tem enriquecido a industria portugueza. D'esses figuramos hoje dois apparelhos que são utilissi-

D. JOÃO IV
(Desenho original de Manuel de Macedo)

mos, em vista da necessidade de manter o aceio constante nos esgotos. São especialmente destinados aos sumidouros, water-closets e collectores. Um d'elles, que é o *autoclysmo*, produz com accumulação da agua descargas varredouras de um resultado completo e economico. Consoante ás conveniencias do local, pode affectar qualquer outra forma que não seja a cylindrica, mas é esta a mais resistente e a mais barata.

O cylindro metallico *A*, de capacidade arbitraria, tem um tubo *B* de forma conica e de secção propria, o qual é fixo ao fundo do cylindro. Na extremidade superior contem um cone de bronze com acabamento de precisão. Esta parte do tubo é occulta por uma capsula *C* com guias *I* e *E*, para ser conservada concentricamente em relação ao tubo. Sobre a capsula ha uma alavanca movel que tem por fim impedir a fluctuação.

A capsula, apoiada algum tanto acima do fundo do cylindro *A*, recebe o extremo de uma ventosa *H*. O tubo *B* tem 3/5 para baixo do fundo do cylindro *A*, e na extremidade inferior um receptaculo *F* de resistencia com uma ou mais sahidas *G*.

Eis como funcciona o apparelho. A agua entra pelo orificio *I*, e, á medida que o nivel da agua se vae elevando no cylindro ou caixa *A*, é o ar comprimido na coroa formada pelo tubo *B* e capsula *C*, o qual se escapa para dentro do tubo *B*, d'onde sae atravez a agua, vencendo-lhe a resistencia no receptaculo *F*. Quando o nivel da agua venceu a resistencia do ar dentro da capsula, este é rarefeito pela queda brusca do convolvo de agua no tubo *B*, formando-se o engodamento, que arrasta com violencia toda a agua contida no cylindro *A*, desengodando-se com auxilio da ventosa *H*, logo que o cylindro esteja despejado, e principiando por tanto este cylindro a encher-se novamente para esvasiar-se pelo modo que acima dissemos, em intervallos de tempo correspondentes á quantidade de agua que entra n'elle.

O *autoclysmo* do sr. Antonio Pinto Bastos, depois de usado em Lisboa, está sendo applicado com grande resultado e vantagem em diversas cidades do estrangeiro.

Não menos engenhoso que este é o *semi-autoclysmo*, do mesmo auctor. Foi inventado em 1880. Este apparelho, exclusivamente destinado a lavagens por meio de descargas de grande jorro de agua e de volume determinado, é de um preço assaz modico e de vantagem incontestavel sobre todos os apparelhos conhecidos até hoje para egual fim. A sua disposição e mechanismo é simples, e por isso mesmo duradoura.

O *semi-autoclysmo* é formado por uma caixa metallica *A*, tendo adaptada a um lado uma valvula *K* especial, com fluctuador para alimentar automaticamente. No fundo da caixa, e opposta á valvula de alimentação, ha uma valvula de descarga fixa ao tubo *I*. Na parte superior a esta valvula acha-se uma alavanca *E* em forma de balança que, por meio de um peso fixo no fiel, se conserva voltada á direita ou á esquerda, segundo o movimento do trabalho. No extremo interno da balança está fixa uma corrente, que no extremo inferior prende no fluctuador, e a 1/3 da sua articulação, no mesmo braço, está fixa a corrente que abre ou fecha a valvula

General Jeronymo da Silva Maldonado — Fallecido em 5 do corrente
(Segundo uma photographia)

Paços de Villa Viçosa (Desenho do natural por Cazellas)

de descarga. Da extremidade do outro braço pende o cordão *U* com o puchador *N*. Quando se pucha pelo cordão a alavanca é arrastada até que o peso *F*, passando o centro de gravidade, se conserva parado sobre a espera, e a agua tem assim sahida livre, e, sómente depois do nivel da agua na caixa baixar, é que o fluctuador desce, arrastando comsigo a alavanca, a qual tambem permitte o cerramento da valvula de descarga.

A hygiene das habitações requer este meio de prevenção contra o mephitismo causado pelos canos de esgoto. Do ar assim viciado deveria falar Pringle quando escrevia: *plus occidid aer quam gladius*. Os syphões das nossas sentinas nada vedam, e um tenue filete de agua que para algumas escorre serve apenas de auxiliar a fermentação no meio das materias putridas que atravessa. O que mais convem são descargas repentinas e abundantes que expellem os dejectos. Cuide-se pois d'isto que ainda ficam outros poderosos factores de doença. Basta a agglomeração dos grandes centros de população, as ruas estreitas e mal allumiadas do sol, a pessima drainagem das aguas e immundicies, as casas insalubres, mal ventiladas e humidas, onde raro penetram os raios beneficos do sol, o ar quasi nunca renovado, e por isso rico em germens e em doenças. Em Lisboa accresce ainda a pessima alimentação, e, tanto peior, que é insufficiente, pois a retribuição do trabalho, quer elle seja intellectual ou manual, não é proporcional ao preço da subsistencia — e alem d'isso esse pouco alimento que é permittido a algumas classes é falsificado na maioria dos casos.

Mas não se imagine que é sómente nas classes pobres que os defeitos de canalisação e de construcção nas habitações se encontram. As classes abastadas sacrificam aos salões o quarto de dormir, que deveria ser a melhor casa, a mais abundante de ar e de luz. Com excepção das casas modernamente construidas nos bairros novos, quasi todas teem a sentina na propria cosinha, e para quartos de cama uns logares escuros e tenebrosos de dimensões exiguas, sem o volume de ar necessario para fornecer ao sangue o oxigenio por meio da respiração. N'estes meios de debilitação physica, a chloro-anemia declara-se, e o organismo fica apto a receber os germens que se hão de desenvolver á sua custa e lhe hão de produzir a morte, se as condições de meio não mudarem.

— Faye apresentou ultimamente á Academia das Sciencias de Paris uma memoria indicando as differenças que a geodesia ingleza encontrou em certos pontos do globo entre o numero experimental das oscillações do pendulo e o que resulta do calculo mathematico. Sobre as pequenas ilhas do Oceano provem essa differença de não terem os observadores mettido em conta a densidade d'essas ilhas, a qual é superior de mais de uma unidade á da agua. Sobre os grandes massiços do Hymalaia, os operadores, tendo querido evitar o mesmo erro, ficaram surpresos quando viram os calculos attingirem, em sentido inverso, a um erro tão sensivel.

Explica Faye esta dupla anomalia pelo desegual resfriamento que a crosta terrestre soffre conforme esteja fora da agua ou submersa. Augmenta no segundo caso e diminue no primeiro. O Oceano e a sua base podem pois exercer sobre um pequeno volume a mesma attracção que os grandes massiços montanhosos dos continentes.

— Tommasi fez ultimamente uma experiencia que prova que se pode obter na obscuridade pela acção da electricidade os mesmos effeitos que se realisam com o emprego da luz. Eis qual é a experiencia. Duas escovas metallicas estão collocadas em frente uma da outra e ligadas cada uma a um polo da machina electrica. Entre as escovas ha uma placa coberta de gelatina bromurada, disposta de tal modo que a face sensibilisada fique exposta aos effluvios electricos. Estabelecida a corrente, basta a exposição de alguns minutos para produzir a imagem, que é depois desenvolvida e fixada pelos processos ordinarios.

— O sentido do gosto não existe na ponta da lingua. Prova-o a seguinte experiencia. Deponha-se na ponta da lingua, com extrema precaução, uma gotta de mel ou uma pitada de um pó amargo. Nenhuma d'estas substancias produz effeito, e é só quando chegam á parte media da bocca que o seu sabor especifico é reconhecido. Pelo contrario, se collocarmos na ponta da lingua uma pitada de mostarda ou de pimenta, por exemplo, a sensação de queimo faz-se sentir immediatamente, em quanto que a região media da bocca pode estar em contacto com essas substancias sem incommodo. Estes phenomenos explicam-se pela presença de nervos de tacto e pela falta de nervos do gosto ou paladar na ponta da lingua. As ramificações que na extremidade d'esse orgão se distribuem pertencem a um filete nervoso totalmente distincto, e que pertence a um centro cerebral onde tambem se reunem os filetes nervosos que transmittem o cheiro da pimenta e da mostarda. É esta a razão porque, se cheirarmos uma porção de mostarda, aspirando fortemente, obteremos quasi effeitos tão irritantes como se a tivessemos saboreado.

— No littoral da França e na Argelia tenta-se uma experiencia scientifico-industrial, que deve dar bons lucros se for bem dirigida. Trata-se de acclimar nas aguas das costas francezas as esponjas, que se acham em grande quantidade nas costas de Syria e no archipelago. Tem se notado que, quanto mais se avança para o norte, mais o tecido da esponja é fino e denso. Para levar a effeito este tentamen é necessario fazer uso dos barcos-mergulhadores, com os quaes é possivel escolher as melhores esponjas e colhel-as juntamente com os pedaços de rochedos onde estejam agarradas. Conservadas em caixas furadas, para que a agua do mar as conserve em vida, devem ser assim rebocadas até ao local onde devem ficar. Decorridos uns tres annos, já esses campos submarinos podem dar bons lucros, fazendo-se a colheita por meio de barcos-mergulhadores e escaphandros. A esponja superfina, ou de luxo, regula, termo medio, por 18$000 réis o kilogramma. É pois tentadora esta industria. Mas Portugal, que tem costas maritimas tão caprichosamente recortadas, porque não tentaria tambem essa acclimação?

Em Peniche e nas Berlengas tivemos nós occasião de observar, atiradas á praia pelo impeto das ondas, esponjas finissimas. Alli mesmo seria facil essa acclimação, bem como a creação da lagosta, crustaceo de que os navios francezes levam para Bordeaux enormes carregações, pagando cada lagosta por 140 ou 160 réis. Quem contornar aquella peninsula verá sobre as ondas as gaiolas onde os pescadores conservam as lagostas vivas á espera dos compradores francezes. Se essa industria fosse dirigida scientificamente, poderia dar productos enormissimos. Mas como ha de ser, se os capitaes escasseiam para tudo que não seja agiotagem?

A collocação das esponjas nos systemas de classificação era duvidosa ainda não ha muito tempo. Todavia os trabalhos ultimamente realisados mostram que o seu verdadeiro logar é entre os *ca-*

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 264)

XXVIII

O calado é o melhor

Simão Pires Solis deixou-se conduzir sem resistencia, de uma maneira imperturbavel.

Offereceu elle proprio os pulsos para ser amarrado á terrivel machina.

Não soltava uma queixa, nem a sua physionomia denotava a minima alteração.

Quando todos os sinistros preliminares da tortura estavam concluidos, recomeçou o interrogatorio.

O ministro mostrava-se empenhado em conhecer o caso de consciencia a que Solis se referira.

Foi, porém, infeliz. Logo á primeira pergunta ouviu uma negativa formal.

Irado, fez um gesto aos ajudantes do carrasco e a temivel roda girou lentamente fazendo espirrar o sangue em muitas partes do corpo do paciente, que nem sequer soltou um ai.

Desde então não foi possivel arrancar-se-lhe uma palavra mais.

Dir-se-ia que todos aquelles supplicios se empregavam n'um corpo morto.

Não havia memoria de caso similhante.

Era a primeira vez que um paciente triumphava da tortura.

O ministro acabava de se convencer que tinha na sua presença um homem extraordinario, cuja força de vontade não conhecia limites e cujo desamor á vida não encontraria igual.

Um homem d'aquella tempera é capaz de tudo, considerava elle; aquella alma devia ser tão insensivel como aquelle corpo. E effectivamente concordava comsigo mesmo que para se commetter um desacato com tantas aggravantes odiosas, como aquelle de que se tratava, era preciso possuir qualidades similhantes ás que se faziam notar na indole especial d'aquelle réo.

Cançado emfim de ser cruel, deu ordem para terminar o supplicio.

Solis foi levantado em braços e conduzido para a enfermaria.

Não dava accordo de si e estava effectivamente como morto.

Chamou-se o physico da cadeia para ser em prestados ao preso os soccorros que a sciencia indicasse.

O ministro passou a informar-se de outras circumstancias com relação ao preso, ouvindo a este respeito os guardas e demais empregados do estabelecimento.

A que horas dera elle entrada, que prisão lhe fôra destinada, qual a sua apresentação, que palavras trocára com os guardas, finalmente se recebera alguem durante o tempo que ali estivera.

De todas as respostas foi tomando nota. Quando chegou ao ultimo ponto d'esta parte das averiguações, um dos guardas disse que Solis recebera um criado do convento de Santa Clara que lhe trouxera da parte de sua irmã dois melões.

O ministro deteve-se um momento.

Dizia-lhe uma voz secreta que entrava na verdadeira pista.

— Conduzam-me á cella do preso, exclamou elle de subito.

Foi immediatamente obedecido.

Logo á entrada encontrou os dois melões.

Eram ambos soberbos, um d'elles porém estava encetado.

Notou essa circumstancia, e o guarda que o acompanhava respondeu que elle viera já assim.

— E tanto, proseguiu, que eu muito bem ouvi o criado dizer ao preso que sua irmã lhe mandava aquelles dois melões para seu regalo e dizia *que o callado era o melhor*.

O ministro repetiu a phrase como quem falla só comsigo.

— O callado é o melhor...

Era evidentemente um aviso, uma palavra de ordem.

Esta circumstancia afigurou-se-lhe importantissima e veiu lançal-o entre novas duvidas e apprehensões.

Logo, o silencio guardado systematicamente pelo réo não era unicamente no interesse d'elle, nem de seu motu proprio.

Mais alguem lucrava com esse mutismo que Solis sabia sustentar com tamanha coragem.

Seriam os seus cumplices

Mas o aviso partia de uma freira, de uma creatura inoffensiva e perpetuamente consagrada a clausura.

Na realidade não seria muito logico procurar entre as esposas de Christo os cumplices do roubo e profanação da egreja de Santa Engracia, todavia era certo que entre ellas alguem existia que não era estranha a existencia d'aquelle crime.

Voltou-se para os guardas e perguntou:

— Que fez o preso logo que recebeu esse aviso?

— Chamou o seu criado e mandou-o ao irmão, que está no Aljube.

— É isso, concluiu o ministro. Solis obedece a um poder occulto, que não tem duvida alguma dimana dos claustros de Santa Clara.

E sem querer saber de mais nada, saiu convencido de que não era ali que elle devia procurar a chave do enigma, mas entre as formosas esposas de Christo, que a clausura defendia das tentações perigosas do mundo profano.

Ao passar proximo da enfermaria o physico saiu-lhe ao encontro.

— Como acha o preso?

— Um pouco nervoso. Mandei-lhe applicar uma sangria para lhe applacar as furias.

— As furias! repetiu o ministro.

— Não se assuste, que não vae d'esta. É robusto como os que o são, e sabe fingir admiravelmente de doido. Quer vêl-o?

Encaminharam-se ambos para a enfermaria.

Solis achava-se de pé, em mangas de camisa, seguro por quatro braços que procuravam conter-lhe os accessos furiosos.

O physico aproximou-se. O ministro ficou um pouco mais distante.

— Não se cancem, que eu bem sei que estou morto, exclamava elle (1).

Depois, como reconhecesse o ministro, dirigiu-se-lhe, soltando gargalhadas estridentes e fazendo esgares de truão.

— Que queres tu, velho manhoso? Queres queimar-me? Pois olha que queimas a innocencia e a virtude. Eu sou tão puro como a Virgem Nossa Senhora e os anjos.

E como o mandassem callar, escandalisados da blasphemia, elle proseguiu:

— Minhas irmãs são tão virgens como a Virgem Mãe. Ah! vocês querem que eu seja um ladrão? Pois eu faço-lhes a vontade... Mas o segredo ha de ficar e o remorso tambem, por que

(1) Textual do accordão já citado, bem como todas as demais circumstancias expostas em todo o capitulo.

lentereos. São formadas por um tecido contractil, que n'alguns casos é sustentado por um esqueleto de fibras ou de agulhas entrelaçadas e dispostas de tal modo que emittem na peripheria grandes e pequenos edificios e no interior da massa um systema de canaes compridos e estreitos em que a agua circula livremente. Claus, cuja opinião auctorisada seguimos, fundando-se sobre as observações de Nardo, Grant, Bowerbank, Laurent, Dujardin, Liberkülm, Caster, Max Schultze, O. Schmidt, A. Kölliker, F. Müller, Loven, E. Hæckel, Metschnikoff Ehrenberg, Johnston, Hancock, Gray, Herting, e outros, e mais recentemente Eimer, diz que as esponjas são os primeiros entre os animaes inferiores que são constituidos por conjuncto de elementos cellulares nos quaes já se conhece uma differenciação de cellulas e de tecidos. Estes elementos constantes são: cellulas de parenchyma amiboides, massas de sarcodes compactas, membranas sarcodarias em forma de rede, cellulas alongadas em fibras, ovos, sporos e espermatozoides e productos figurados de cellulas. O parenchyma contractil compõe-se sempre de cellulas dotadas de movimento, cheias de granulações, que são desprovidas de membrana, e que podem, como as amibas, emittir prolongamentos, fazel-os reentrar no proprio corpo e absorver, cercando-os, os corpos extranhos.

As esponjas primitivamente simples podem formar por gemmação e por sessiparidade incompleta, ou pela fusão de muitos individuos isolados, uma esponja polyzoica, apresentando formações de colonias.

Nas esponjas a reproducção é principalmente asexual, quer seja por divisão, por gemmulas ou por ovos e capsulas seminaes.

Serão as esponjas individuos simples ou colonias de individuos? Apesar da autonomia relativamente consideravel das cellulas das esponjas, os phenomenos vitaes, a diversidade de elementos e a reproducção, provam que as especies que teem um unico osculo e um systema de canaes simples são monozoicas, emquanto que aquelles que teem muitos osculos são polyzoicas. Com excepção do genero *spongilla*, todas as esponjas são marinhas. Algumas vivem nas grandes profundidades. Nas formações geologicas encontram-se restos de esponjas fosseis, especialmente na cré, cujas especies differem das actuaes. Comtudo algumas que só se encontram nas grandes e enormes profundezas dos oceanos concordam por tal forma com as especies extinctas que parecem ser os seus descendentes directos. As esponjas prestam grandes serviços ao homem, especialmente as corneas, molles e elasticas. Na sua pesca se occupam centenas de barcos nas costas do Mediterraneo, sobre as costas de Smyrna e na ilha de Creta ou Candia.

E como tratamos de pesca, não será fóra de proposito referirmos aqui o que diz o *American Naturalist* ácerca do *falcão-mergulhador* e da *fragata*. Habita esta ave nas costas da Florida meridional, onde se conserva embuscada nos pinheiros e alli faz ninho, vindo raramente a terra. Dotado de grande envergamento de azas, serve-se d'ellas apenas para voar rasteiro, affastando-se da costa, e chegando ao largo, onde se apodera da presa, mergulhando immediatamente sobre ella. Algumas vezes porem é obrigado a largar a presa e vir refugiar-se no seu ninho. Um enxame de pequenos peixes que nadam juntos attrae-lhe a attenção: cheio de avidez dispõe se a cahir sobre elles, mas de repente dá um grito de terror e foge espavorido. Empoleirado na sua arvore recobra alento e coragem, mas de novo volta descoroçoado. Finalmente consegue agarrar um peixe, e, quando o traz apertado nas garras, uma ave escura e de grandes azas cae do espaço — é a *fragata* ou *rabo-forcado* — *Pelecanus aquilus* Linneo. Apenas o falcão-mergulhador deu fé do seu inimigo, larga a presa immediatamente, e foge a toda a pressa para a costa. A fragata, antes que o peixe tenha tocado na agua, já o tem agarrado, sem suspender o vôo. Sobe para o espaço, e vae devorando a presa de um modo singular: depois de cada bicada, que lhe applica, deixa-a cahir e torna a apanhal-a, e assim successivamente até só deixar as espinhas. Quanto ao pobre falcão-mergulhador, se alguma vez se revolta, quatro ou cinco fragatas se entendem umas com as outras para o matarem. Para isso cortam-lhe a retirada, fatigam-no, inquietam-n'o de modo que, não podendo voar, a pobre ave é obrigada a deixar-se cahir no mar. As fragatas só deixam viver o falcão-mergulhador sob a condição de pescar para ellas. Não atacam nunca o falcão que lhes abandona a presa.

A fragata tem o vôo potente e extremamente dilatado. Balanceada sobre as azas, de grandeza prodigiosa em relação ao corpo, sustenta-se nos ares sem movimento sensivel, como que andando suavemente, e esperando assim o momento favoravel de precipitar-se sobre a presa. Se a atmosphera se apresenta tempestuosa, eleva-se a grande altura, e alli procura região onde o ar esteja sereno. Adianta-se fóra das costas maritimas a grande distancia, e descança sobre as aguas, aproveitando da occasião para alimentar-se. Diz Buffon que os peixes, que andam em cardumes nos altos mares, como os peixes voadores que correm em columnas e se lançam ao ar para fugirem ás doiradas e outros inimigos que os perseguem, não escapam ás fragatas, e são estes mesmos que as attrahem ao mar largo. A grande distancia distinguem e observam estes exercitos, que são tão cerrados e unidos ás vezes que fazem bramir as aguas e borbulhar em escuma os mares: é n'este momento que as fragatas se arrojam do mais alto do ar, modificando o vôo de tal modo que rastejam a agua sem a tocarem e assim agarram a presa, que devoram nadando ou continuando a voar.

Nos mares de entre os tropicos, affirma o famoso naturalista, a fragata exerce imperio tyrannico sobre as mais aves, algumas das quaes obriga a que lhes sirvam de provisores. Com uma pancada da aza ou com o bico que é forte e recurvo, faz com que as *sulas pitolas* e os *gansos patãos* lancem fóra o peixe que tinham engulido, e que ella apanha no ar.

Ha muitos exemplos d'este egoismo dos animaes, imagem reduzida das sociedades humanas. As formigas exploram os pulgões, e ordenham-nos, como nós ás vaccas, extraindo-lhes um succo amellado, de que são muito gulosas. N'estes e n'outros insectos encontram-se republicas, onde, como nas famosas republicas de Athenas e de Esparta, não falta a classe escrava, — que é a classe productora, — aquella a quem incumbe os mais pesados encargos, a que fornece as iguarias, mas não tem logar no banquete social.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Presentes de noivado á princesa Amelia. A princeza Maria Amelia de Orleans recebeu em

---

hão de crucificar Christo quaes outros scribas e escariotes.

Houve de lhe ser applicada uma mordaça.

O physico hesitou ainda um momento, pensando se devia ou não applicar-lhe outra sangria, mas desistiu em presença do ministro lhe affirmar que talvez ainda precisasse de submetter o preso á tortura.

Entretanto o ministro julgava ter no cerebro toda a communidade do real convento de Santa Clara.

Se estivesse na sua alçada dirigir-se-ia immediatamente ao mosteiro, mas não estava.

Havia a preencher certas formalidades que o fôro ecclesiastico, sobremaneira cioso de suas regalias, não dispensaria por certo.

Assim cumpria-lhe procurar o corregedor do crime e participar-lhe o occorrido.

Tambem estava desejoso de prevenir o desembargador Diogo Lobo para que não continuasse a acreditar na innocencia do malvado, do espertalhão que tinha figados de tigre e se fingia doido para blasphemar contra Deus e a Virgem Maria.

Perdera de todo os escrupulos a respeito da innocencia de Solis, e estava agora mais do que nunca empenhado em levar este negocio até sua conclusão final, fazer o feito summario, mandar dizer de direito aos procuradores do réo e mandar ao depois os autos conclusos aos juizes que deviam julgar do caso.

O corregedor ia ficar contentissimo, e sua magestade catholica não podia deixar de lhe galardoar tão bons serviços e tão provado zelo e intelligencia.

O ponto estava em se lhe não torcerem as cousas no ecclesiastico, com respeito ás madres de Santa Clara.

Isto de mulheres têem um poder da fortuna em todas as classes, e as freiras então maior prestigio ainda. Elle não agourava bem de negocios em que se mettiam saias. Nada mais certo.

N'esse dia não poude fallar ao corregedor, mas como a sua impaciencia era grande por mostrar a habilidade com que andára em todo este negocio, escreveu lhe, referindo miudamente as suas apprehensões e expondo-lhe que era mister conhecer que especie de relações existiam entre as freiras de Santa Clara e o réo, relações pelas quaes se fazia suppôr pelo menos que não eram ellas em absoluto estranhas ao desacato de que se tratava.

De certo modo conscio do seu alto valimento e capacidade, não poude callar comsigo o que estava sentindo.

Desejava que todos soubessem o grande serviço que elle acabava de prestar e elogiassem a habilidade com que andára em negocio tão melindroso e que trazia todos em tanto sobresalto.

Apresentou-se á noite em casa do correio-mór, Antonio Gomes da Matta, que era ponto certo de escolhida reunião, o qual correio-mór pozera a sua bolsa e todo o seu valimento á disposição de quem descobrisse o auctor ou auctores do nefando attentado.

Entre outros jurisconsultos que ahi se encontravam, estava o desembargador Diogo Lobo Pereira e o collega de Gabriel Pereira de Castro, que era o desembargador Manuel Alvares de Carvalho.

Como quem se encontra com pessoas que o entendem, o ministro, vaidoso de si mesmo, desejoso de brilhar, de se tornar notado, fallou com o maior desafogo, larga e vastamente recheiando o discurso de muita erudição em pontos de direito e de historia.

Toda a sua eloquencia foi vivamente applaudida por Manuel de Carvalho até ao ponto em que se pretendia provar a criminalidade de Solis, mas desde que o ministro começou a referir se ás relações do réo com as freiras, fazendo notar a circumstancia de ter elle ali irmãs, cessaram os applausos.

Pôz-se em redor d'elle um silencio, cuja significação, apesar de toda a sua habilidade e de toda a sua jactancia, não poude conhecer desde logo.

O desembargador Manuel de Carvalho disse então que o crime estava habilmente averiguado; que não eram mister mais provas do facto; que seria maior escandalo para as cousas de Deus ir envolver umas inoffensivas senhoras, em parte ligadas á melhor nobreza do reino, em negocio de tamanha vergonha, e que o verdadeiro era encerrar o summario.

Diogo Lobo Pereira ergueu se como quem levantava a luva que aquelle magistrado acabava de lançar á magestade da justiça.

— Com que elementos, senhor? perguntou elle.

Manuel de Carvalho sorriu e respondeu com a maior frieza:

— Temos o pessimo procedimento do réo, a sua perturbação ás primeiras perguntas que se lhe dirigiram e o testemunho de uns homens tementes a Deus que reconhecem a identidade do vulto.

— Oh! É na verdade um caso novo; a identidade do vulto, senhor desembargador, é um absurdo em direito inadmissivel e um disparate em boa razão.

Apoiado por uma auctoridade juridica tão considerada como era o desembargador Diogo Lobo Pereira, o ministro ousou tomar o seu partido e corroborar as suas opiniões.

A discussão tomou uma attitude séria e o dono da casa teve por ultimo de intervir.

— A paixão é má conselheira, disse elle. Confiemos um pouco mais da justiça de Deus. Logo que termine o oitavario em desaggravo, que se celebra na sé, eu prometto offerecer ao Santissimo Sacramento uma alampada de prata com azeite de renda, para sempre ser alumiada.

A ordem restabeleceu-se, mas o desembargador Lobo Pereira e o ministro sairam immediatamente.

Na rua, e ao entrar para a sege, o desembargador disse-lhe:

— Confie na Providencia que um dia ha de ser vingado. O unico crime de Solis está em Santa Clara, onde elle de ha muito traz preso o coração. De mais o sabem todos. O desacato tornou-se para uns pretexto de vingança, e para outros resposta á opinião publica vivamente excitada.

Estas palavras foram para o ministro como que um raio de luz.

Ellas tinham todo o cunho da verdade, e na presença do que se acabava de passar elle ministro havia representado unica e simplesmente em todo este drama um ridiculo papel de ingenuo.

. . . .

No dia seguinte recebia elle de manhã uma ordem superior que dava por finda a sua commissão em Lisboa e o transferia immediatamente para o Porto, em commissão muito especial do serviço de sua magestade.

E nem uma palavra de louvor aos seus actos, quando a consciencia lhe dizia que sempre se houvera n'uma linha de proceder irreprehensivel.

Oh! as mulheres o que fazem! Eram ellas o occulto poder que o castigava por ter cumprido a sua obrigação?!

(Continúa) *Leite Bastos.*

Paris no dia 11 do corrente as màiores provas de sympathia por parte da aristocracia franceza e de algumas povoações da França, recebendo juntamente valiosos brindes de que damos a seguinte relação:

As senhoras da cidade d'Eu offereceram-lhe um crucifixo de marfim e ebano, encimado pelos brazões das casas de França e de Bragança. O clero, da mesma cidade, um relicario de S. Lourenço, orago da egreja em que a princeza fez a primeira communhão. O arcebispo de Rouen, uma imagem da Virgem, em marfim, trabalho primoroso de artista florentino do XVI seculo. As damas do Sena Inferior, um leque pintado por Eugenio Lami, ornado de pedras preciosas. As damas da Bretanha, uma estatueta de Nobre-Dâme d'Auray, estylo antigo, outra estatueta de prata, esculpida por Froment Meurice e uma cruz bretã ornada de pedras preciosas. As de Ardennes, um magnifico leque cravejado de brilhantes. As de Berry, um serviço de jantar, fabricado em Vierzon, com as armas de França e de Portugal, etc. O brinde das damas de Paris, offerecido por subscripção, terá a forma do navio que serve de emblema á cidade de Paris: Uma nau de prata vogando, sustentada por duas sereias, que parecem emergir de uma grande bacia de prata, com bordos de jaspe sanguineo. O desenho é de Henrique Caméré; o modelo das sereias, de M. Chapu, membro do Instituto. O trabalho de ourivesaria, é de Froment Meurice e de Aucoc, as armas de Paris, com brilhantes, que estão dispostas no costado da nau. Nas oriflammas lêem-se os nomes da princeza Amelia e do duque de Bragança. Os cestos das gaveas teem a fórma de corôas muraes. No socco ha uma inscripção com a data do casamento: 22, de maio de 1886.

SEMI-AUTOCLYSMO PRIVILEGIADO DE ANTONIO PINTO BASTOS

AUTOCLYSMO PRIVILEGIADO DE ANTONIO PINTO BASTOS

Vid. artigo "Actualidades Scientificas"

CONCURSO LITTERARIO ARCHEOLOGICO EM BARCELONA. A municipalidade de Barcelona acaba de publicar o programma do concurso, em cumprimento do legado instituido por D. Francisco Martorel y Peña, o qual é o seguinte: 1.º — Conceder-se-ha um premio de 20:000 pesetas á melhor obra original sobre a archeologia hespanhola, que se apresentar, se o jury nomeado a julgar em condições de lhe ser conferido o premio; 2.º — O premio será adjudicado no dia 23 de abril de 1887, festa de S. Jorge, padroeiro da Catalunha; 3.º — Serão admittidas obras impressas ou manuscriptas de auctores hespanhoes e estrangeiros, até ao dia 23 de outubro proximo; 4.º — As obras podem ser escriptas em latim, castelhano, catalão, francez, italiano ou portuguez; 5.º — As obras serão apresentadas sem indicação do nome do auctor, e levarão um lemma correspondente a uma carta cerrada, em que o nome seja declarado; 6.º — O jury será composto de cinco pessoas idoneas, eleitas pela municipalidade. O alcaide será o presidente honorario; 7.º — O auctor da obra premiada deverá publical-a no praso de dois annos, entregando cinco exemplares á municipalidade. Se a obra não tiver sido escripta em castelhano, será traduzida n'este idioma para ser publicada.

UM PRINCIPE MEDICO. O archiduque Carlos Theodoro da Baviera, irmão da imperatriz d'Austria deve chegar em breves dias a Paris para estudar com Pasteur o remedio do illustre sabio contra a hydrophobia. Este principe casou em 1874 com uma filha de D. Miguel de Bragança a qual é uma companheira desvelada e ajudante intelligente nos trabalhos scientificos de seu esposo. No castello de Tegernsee situado junto ás margens dos lagos vivem os dois esposos dispensando a sua sciencia e caridade as gentes das povoações que de toda a Baviera alli concorrem a receber curativo no hospital que o principe mantem no seu castello. O principe Theodoro que principiou os seus estudos para a carreira militar, seguiu depois o curso de direito e por fim o de medicina onde se distinguiu notavelmente, fazendo o melhor uso da sua sciencia, cultivando-a com verdadeiro amor e caridade, praticamente, no seu hospital, onde é coadjuvado pela illustre princeza sua esposa.

TUMULO DE EGAS MONIZ. Segundo communica o sr. João Antonio Carneiro Basto, de Entre Rios, o tumulo do venerando portuguez Egas Moniz está servindo de tanque a uma fonte que ha em frente da egreja de Paço de Sousa. Infelizmente não é este o primeiro nem unico vandalismo que se tem feito por este paiz, onde tantos monumentos historicos se tem mutilado ou deixado arrasar, sem respeito pelos mortos ou pela historia, perdendo-se com isto muitos documentos ethonographicos preciosos. O tumulo de Egas Moniz era, alem de uma sepultura respeitavel, um documento precioso pelas esculpturas em relevo que o revestiam representando uma, o honrado aio de D. Affonso Henriques quando se foi apresentar ao rei de Castella acompanhado por seus filhos, e outra a sua morte. Estas esculpturas foram separadas do tumulo e mettidas nas paredes da egreja, e os restos do austero portuguez foram guardados em um caixão de folha dentro de outro de pinho, e acommodados n'um canto da sachristia. Pelo que se vê esta profanação só denota a falta que havia de um tanque para a fonte!

MORTE DO ALMIRANTE LYNCH. Por noticia recebida de Teneriff sabe-se que falleceu a bordo do vapor inglez *Cotopaxi*, no dia 14 do corrente, o almirante Lynch, na travessia de Lisboa. O seu cadaver ficou em Teneriff, até que o governo do Chili proceda á sua trasladação. O almir nte morreu victima de uma hypertrofia. Foi o almirante Lynch quem, no Perú, conduziu á victoria os exercitos do Chili. Sustentou o periodo mais rude da campanha chilena, primeiramente na costa da Bolivia e depois na Peruviana. Foi durante essa guerra que o almirante perdeu um dos braços e contrahiu a terrivel enfermidade que o fulminou longe da patria. Ultimamente, o almirante Lynch era representante do Chili, em Hespanha.

CIDADE INCENDIADA. Foi distruida por um violento incendio a pequena cidade de Stry, na Galicia. Cerca de 600 casas foram pasto das chammas e 15:000 pessoas ficaram sem habitação e reduzidas á miseria. O governo austriaco vae contrahir um emprestimo para a reconstrucção da cidade. Os jornaes de Vienna abriram subscripções para acudir a tão grande desgraça.

NASCIMENTO DO FUTURO REI DE HESPANHA. A rainha D. Christina, regente de Hespanha, deu á luz no dia 17 do corrente, o futuro rei de Hespanha, com feliz successo. O nascimento do herdeiro da corôa de Hespanha causou a maior satisfação no paiz visinho, que assim vê uma garantia mais segura para a conservação da monarchia. O principe receberá o nome de Affonso Leão, sendo Sua Santidade o Papa Leão XIII o padrinho do baptismo.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Germano por Abel Acacio, drama em 5 actos, em verso, livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos editor, Porto, 1886. Não é facil fazer a apreciação de uma obra dramatica quando se não tem visto representar, e muito menos quando essa obra se não representou por a seu respeito se ter levantado questão entre o auctor e a empreza theatral que a devia pôr em scena. Na simples leitura, podémos vêr que o *Germano* é, como obra poetica, uma producção notavel, e d'isso já estavamos seguros, sabendo que o auctor era o sr. Abel Accacio tão vantajosamente conhecido pelos seus bellos trabalhos litterarios. A edição do livro feita pelo editor portuense sr. Eduardo da Costa Santos, foi executada na Typographia Elzeviriana com uma correcção e nitidez pouco vulgares.

A Casa de Bragança, *memoria historica* por D. Thomaz Maria d'Almeida Manuel de Vilhena, editor Henrique Zeferino d'Albuquerque, Lisboa 1886. Não podia vir mais a proposito esta memoria, no momento em que um facto de tanta importancia se dá com a casa de Bragança ao ligar-se com a casa de Orleans pelo casamento do principe real D. Carlos de Bragança com a princeza Amelia de Orleans. N'esta memoria está resumida a historia da casa de Bragança, fornecendo um bom subsidio historico, o seu auctor na vulgarisação de conhecimentos que muito interessa saber, e que para se obterem seria necessario revolver o pó dos archivos. O sr. Vilhena tomou a si essa tarefa e apresenta-nos o resultado das suas investigações na memoria primorosamente editada pelo sr. Zeferino, livreiro e editor dos mais antigos de Lisboa, e que está fazendo a notavel edição do Diccionario Universal Portuguez.

Dramas modernos por Emilio Richebourg, traducção de Cunha e Sá, David Corazzi editor, Lisboa. Divide-se em seis volumes o romance de Richebourg de que recebemos o primeiro, illustrado com gravuras. A fama que precede *Os Dramas Modernos* dispensa-nos de recommendarmos aos leitores este bello romance que provavelmente já tem adquirido e que já lhe terá proporcionado algumas horas de leitura agradavel.

Codigo Administrativo *approvado por carta de lei de 6 de maio de 1878*, livraria Portuense de Lopes & C.ª successores de Clavel & C.ª editores, Porto, 1886. É a 4.ª edição d'este livro, o que mostra o seu largo consumo e utilidade, devendo ainda notar-se que esta edição abrange todas as alterações que teem sido decretadas desde 2 de setembro de 1879 até 18 de julho de 1885 que organisou o novo municipio de Lisboa.

Beethoven, n.º 17 das *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, de que é editor o sr. David Corazzi. Este livrinho, como os precedentes, é illustrado e uma das gravuras é o retrato do gradde maestro. A biographia é bastante curiosa.

TYP. ELZEVIRIANA — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.